

## O LIRISMO AUTOBIOGRÁFICO E A PERFEIÇÃO RÍTMICA EM GONÇALVES DIAS<sup>1</sup>

João Trindade<sup>2</sup>  
professortrindadel@hotmail.com

O ano de 2023 marca os 200 anos de nascimento do poeta Gonçalves Dias, nascido em 10 de agosto de 1823, no Sítio Boa Vista, a 14 léguas da cidade de Caxias, Maranhão, sendo seus pais João Manuel Gonçalves Dias, português, e Vicência Ferreira (cafuza). O maranhense é, sem dúvida, um dos maiores poetas da literatura brasileira – senão o maior (para mim, o maior).

É injusto destacar Gonçalves Dias somente como poeta indianista, o “o autor da Canção do exílio”. Ao se enfatizar apenas essa faceta da obra, coloca-se em segundo plano a poesia lírico-amorosa dele, uma das mais substanciais da nossa literatura.

Destaca-se, na lírica do poeta, aquele que foi considerado por Manuel Bandeira como sendo “o mais comovido e mais comovente poema de amor da literatura brasileira”: “Ainda uma Vez, Adeus!”. É preciso, pois, ser explicado como nasceu o poema e que circunstâncias o geraram. O poema em questão foi escrito após o último encontro do poeta com sua eterna amada: Ana Amélia Ferreira do Vale, em maio de 1855, na cidade de Lisboa.

Mas para chegarmos até esse momento e transcrevermos o poema, precisamos contar ao leitor essa bela e comovente história de amor. Gonçalves Dias conheceu Ana Amélia, na casa do amigo dele Alexandre Teófilo. Alexandre era muito mais que amigo; um confidente e benfeitor, que sempre o ajudou nas horas difíceis, mas, paradoxalmente, fê-lo, mais tarde, acreditando ser o bem dele, fugir da mulher amada, ato pelo qual o poeta nunca se perdoou, conforme deixa claro no “Ainda uma Vez – Adeus!”.

No ano de 1845, Gonçalves Dias foi apresentado por Alexandre a Ana Amélia. Ela com 14 anos e o poeta com 22. A avassaladora paixão foi imediata! Ana Amélia também se correspondeu; de modo que se gerou o fascinante idílio. Ocorre que o preconceito não iria deixar aquele amor ter final feliz. Quando o poeta, enfim, superou o drama íntimo, resolveu pedir a mão da moça em casamento, embora já tivesse sido aconselhado pelo amigo e confidente a não fazê-lo.

Mas por que não o fazer? O que impedia o casamento? O preconceito, gerado por valores sociais. A mãe de Ana Amélia, branca, portuguesa, jamais aceitaria – e realmente não aceitou – o casamento da filha com um mestiço. Gonçalves Dias era filho de um branco com uma cafuza. E o pior: Ao responder a carta dele com o pedido, humilhou-o, de forma degradante.

Ferido, atordoado, complexado, o poeta toma a difícil decisão de se afastar de Ana Amélia. Não adiantaram os insistentes pedidos dela para fugirem, o que o fez carregar, para o resto da vida, o torturante remorso, conforme relata nos versos do poema “Ainda Uma Vez – Adeus!”, sendo as estrofes a seguir apenas alguns exemplos:

<sup>1</sup> Palestra proferida no dia 10 de novembro de 2023, no curso de letras da UFCG.

<sup>2</sup> João Trindade é poeta, professor, jornalista e advogado. Foi professor de Português e literatura brasileira de renomados colégios e cursos pré-vestibulares da Paraíba e de Introdução ao Direito, no UNIPÊ. Entre suas obras, destacam-se: “A Língua no Bolso” (editora Leya), “Um Pouco Além do Sonho” (poemas) e “O Estanho professor de Violão” (crônicas).

“Pensar que o teu destino  
Ligado ao meu outro fora  
Pensar que te vejo agora  
Por culpa minha infeliz...  
Pensar que a tua ventura  
Deus ab eterno a fizera  
No meu caminha a pusera  
E eu fui que a não quis...”

És doutro agora, e p’ra sempre!  
Eu a mísero desterro  
Volto, chorando o meu erro,  
Quase descendo dos céus!  
Dói-te de mim, pois me encontras  
Em tanta miséria posto,  
Que a expressão deste desgosto  
Será um crime ante Deus!”

Dói-te de mim, que t’imploro  
Perdão, a teus pés curvado;  
Perdão! de não ter ousado  
Viver contente e feliz!  
Perdão da minha miséria,  
Da dor que me rala o peito,  
E se do mal que te hei feito,  
Também do mal que me fiz!

Após o desenlace, ele, que desde o dia em que a conhecera passou a escrever poemas inspirado nela, acentuou a produção lírico-amorosa, que começou e nos deu os melhores poemas de amor da nossa literatura como: “Seus Olhos”; “A Leviana” (= inconstante); “Se se Morre de Amor” “Como Eu te Amo” e, ao final, o antológico “Ainda uma vez – Adeus!”.

Vale a pena destacar esses lindos versos de “Se Se Morre de Amor”:  
Amar, e não saber, não ter coragem  
Para dizer que amor que em nós sentimos;  
Compr’ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,  
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,  
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,  
E, temendo roçar-lhe os vestidos,  
Arder por afogá-la em mil abraços:  
Isso é amor, e desse amor se morre!

### **1. O reencontro com Ana Amélia, o remorso, a dor lancinante e a inspiração para o “Ainda uma Vez – Adeus!”**

Quis o destino que o poeta, que estudara em Coimbra, voltasse, já casado com Olímpia Coriolana da Costa, a Portugal; desta feita, para Lisboa. Ocorre que a amada, Ana Amélia, estava morando lá. E, Para se vingar dele, casara com um comerciante, também mestiço. Em maio de 1855, eis que o poeta a encontra num jardim, em Lisboa. E aí nasce o maior – e melhor – poema de amor de que se tem notícia: “Ainda uma Vez – Adeus!”, de que já falamos, transcrito a seguir, claramente autobiográfico:

AINDA UMA VEZ – ADEUS!

I

Enfim te vejo! – enfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar de quanto sofri.  
Muito penei! Cruas ânsias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houveram-me acabrunhado,  
A não lembrar-me de ti!

II

Dum mundo a outro impelido,  
Derramei os meus lamentos  
Nas surdas asas dos ventos,  
Do mar na crespa cerviz!  
Baldão, ludíbrio da sorte  
Em terra estranha, entre gente,  
Que alheios males não sente,  
Nem se condói do infeliz!

III

Louco, aflito, a saciar-me  
D’gravar minha ferida,  
Tomou-me tédio da vida,  
Passos da morte senti;  
Mas quase no passo extremo,  
No último arcar da esp’rança,  
Tu me vieste à lembrança:  
Quis viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deus me guardava  
Para este lugar e hora!  
Depois de tanto, senhora,  
Ver-te e falar-te outra vez;  
Rever-me em teu rosto amigo,  
Pensar em quanto hei perdido,  
E este pranto dolorido  
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?  
De mim afastas teu rosto?  
Pois tanto pôde o desgosto  
Transformar o rosto meu.  
Sei a aflição quanto pode,  
Sei quanto ela desfígura,  
E eu não vivi na ventura...  
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...  
Julgas-te acaso ofendida?  
Deste-me amor, e a vida  
Que ma darias – bem sei;  
Mas lembrem-te aqueles feros  
Corações, que se meteram  
Entre nós; e se venceram,  
Mal sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!... Mas devera  
Expor-te em pública praça,  
Como um alvo à populaça,  
Um alvo aos dictérios seus?  
Devera, podia acaso  
Tal sacrificio aceitar-te  
Para no cabo pagar-te,  
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,  
Que de mim t’esquecerias,  
Que, sem mim, alegres dias  
T’esperavam; e em favor  
De minhas preces, contava  
Que o bom Deus me aceitaria  
O meu quinhão de alegria  
Pelo teu quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo;  
Nadam-te os olhos em pranto,  
Arfa-te o peito, e no entanto  
Nem me podes encarar;  
Erro foi, mas não foi crime,  
Não te esqueci, eu to juro:  
Sacrifiquei meu futuro,  
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria  
Dum martírio prolongado,  
Lento, cruel, disfarçado,  
Que eu nem a ti confiei;  
“Ela é feliz (me dizia)  
“Seu descanso é obra minha.”  
Negou-me a sorte mesquinha...  
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,  
Tanta ilusão me afagava  
De noite, quando acordava,  
De dia em sonhos talvez!  
Tudo isso agora onde para?  
Onde a ilusão dos meus sonhos?  
Tantos projetos risonhos,  
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... – Horrendo caos  
Nessas palavras se encerra,  
Quando do engano, quem erra,  
Não pode voltar atrás!  
Amarga irrisão! reflete:  
Quando eu gozar-te pudera,  
Mártir quis ser, cuidei qu’era...  
E um louco fui, nada mais !

XIII

Louco, julguei adornar-me  
Com palmas d'alta virtude!  
Que tinha eu bronco e rude  
Co' o que se chama ideal?  
O meu eras tu, não outro;  
Estava em deixar minha vida  
Correr por ti conduzida,  
Pura, na ausência do mal.

XIV

Pensar eu que o teu destino  
Ligado ao meu, outro fora,  
Pensar que te vejo agora,  
Por culpa minha, infeliz;  
Pensar que a tua ventura  
Deus ab eterno a fizera,  
No meu caminho a pusera...  
E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e p'ra sempre!  
Eu a mísero desterro  
Volto, chorando o meu erro,  
Quase descrendo dos céus!  
Dói-te de mim, pois me encontras  
Em tanta miséria posto,  
Que a expressão deste desgosto  
Será um crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, que t'imploro  
Perdão, a teus pés curvado;  
Perdão! de não ter ousado  
Viver contente e feliz!  
Perdão da minha miséria,  
Da dor que me rala o peito,  
E se do mal que te hei feito,  
Também do mal que me fiz!

VXII

Adeus qu'eu parto, senhora;  
Negou-me o fado inimigo  
Passar a vida contigo,  
Ter sepultura entre os meus;  
Negou-me nesta hora extrema,  
Por extrema despedida,  
Ouvir-te a voz comovida  
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia  
Meus versos, d'alma arrancados,  
D'amargo pranto banhados,  
Com sangue escritos; – e então  
Confio que te comovas,  
Que a minha dor te apiade,  
Que chores, não de saudade,  
Nem de amor, – de compaixão.

Seis anos depois, ainda não havia morrido no coração do poeta a lembrança de Ana Amélia. Várias poesias traduzem esse sentimento. Destas últimas, destaca-se: “Como! És tu?”, no mesmo diapasão de “Ainda Uma vez – Adeus!”:

Como! és tu?! essa grinalda  
De flores de laranjeira! ...  
Branco véu, nuvem ligeira  
Sobre o teu rosto a ondear!  
Pálida, pálida a fronte  
E os olhos quase a chorar!

És tu! bem vejo... não fales!  
Cala-te! já sei o que é!  
A mão vais dar, vida e fê  
A outro!... Vais te casar.  
Pálida, pálida a fronte,  
Olhos em pranto a nadar!

E vais! e és tu mesma? — e vais!...

**Fui eu quem te dei o exemplo...**

Sei que te aguardam no templo,

Deixa-me aqui a chorar:

**Fazes somente o que fiz,**

**Não fazes mais que imitar!**

## 2. A Perfeição Rítmica

Engana-se quem pensa que os românticos e, posteriormente, os modernistas rejeitam as formas fixas por não saberem lidar com elas. Isso, evidentemente, não é verdade. É impressionante a habilidade de Gonçalves Dias para adequar os ritmos às ideias. A poética dele baseia-se nos apoios rítmicos tradicionais da poesia em nosso idioma. O número de sílabas, com suas pausas; as rimas consoante e toante, o encadeamento e o paralelismo... De todos esses recursos se serviu, porém dentro de uma liberdade fundamental para a riqueza da composição.

Manuel Bandeira chama a atenção para o fato de que ao examinarmos a obra do maranhense, com exceção de “Os Timbiras” e as traduções, verificaremos que em “Primeiros Cantos”, “Segundos Cantos”, “Últimos Cantos” e “Novos Cantos”, há, num total de 142 poemas, 75 que variam em metro e, muitas vezes, nas estrofes. A variação obedece sempre a uma necessidade de expressão.

Que nos sirva de exemplo o poema “A Tempestade”.

Com a finalidade de reproduzir, poeticamente, a aproximação, o clímax e o afastamento do fenômeno, o poeta lança mão de métrica variada, passando do verso de duas sílabas, da primeira estrofe, ao verso de onze, na décima primeira e decresce, em seguida, até chegar, novamente, ao de duas na última estrofe.

Vejamos a primeira estrofe:

“Um raio  
Fulgura  
No espaço  
Esperso  
Da luz.  
(versos de duas sílabas)”  
Agora, a décima primeira:  
“Nos últimos cimos dos montes erguidos  
Já silva, já ruge, do vento o pegão”.  
(versos de 11 sílabas).

Após fazer sucessivas diminuições do número de sílabas, o poeta volta aos versos de duas:

“A folha  
Luzente  
Do orvalho  
Nitente  
A gota  
Retrai  
Vacila  
Palpita  
Mais grossa  
Hesita  
E treme  
E cai.”.

Outro aspecto interessante a se notar nesse poema é o uso da rima toante, muito a gosto do poeta. Note-se na primeira estrofe: “Aviva”, “rutila”. A musicalidade e o ritmo são traços fundamentais e constantes na poesia de Gonçalves Dias:

Observe-se o timbre acentuado e belo do igualmente belo poema “Seus Olhos”:

“Seus olhos **tão** negros, **tão** belos, **tão** puros,  
De vivo luzir,  
**Estrelas incertas, que as águas dormentes**  
**Do mar vão ferir;** (observe-se, nesses dois versos, o recurso do *enjambement*).  
Seus olhos **tão** negros, **tão** belos, **tão** puros,  
**Têm** meiga expressão,  
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta  
De noite cantando, — mais doce que a fruta  
Quebrando a soidão.  
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
**São meigos infantes**, gentis, engraçados  
Brincando a sorrir.  
**São meigos infantes**, brincando, saltando  
Em jogo infantil,  
Inquietos, travessos; — causando tormento,  
Com beijos nos pagam a dor de um momento,  
Com modo gentil.  
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
**Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,**  
**Às vezes vulcão!**  
Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,  
Tão frouxo brilhar,  
Que a mim me parece que o ar lhes falece,  
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece  
Me fazem chorar.  
Assim lindo infante, que dorme tranquilo,  
Desperta a chorar;  
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,  
**Não pensa — a pensar.**  
Nas almas tão puras da virgem, do infante,  
Às vezes do céu  
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,  
Um vago desejo; e a mente se veste  
De pranto co’um véu.  
Quer sejam saudades, quer sejam desejos  
Da pátria melhor;  
Eu amo seus olhos que choram sem causa  
Um pranto sem dor.  
Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,  
De vivo fulgor;  
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,  
Que falam de amores com tanta poesia.  
Com tanto pudor.  
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
Eu amo esses olhos que falam de amores  
Com tanta paixão.”

### 3. Gonçalves Dias e os decassílabos brancos:

Assinala Manuel Bandeira, no livro: “Gonçalves Dias, Esboço Biográfico”, o domínio magistral que Gonçalves Dias tinha sobre os decassílabos brancos, destacando o uso desse tipo de verso em diversos poemas, entre eles, “Os Timbiras” e “Se se Morre de amor”.

Outro tipo de verso do gosto do poeta eram as redondilhas maiores. Como se sabe, as redondilhas são versos que tornam o poema muito popular, que emprestam ritmo agradável ao poema. Em redondilha maior foi composta a famosa “Canção do Exílio”, o poema mais popular do maranhense:

“Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá.”.

Fiz uma promessa de não repetir aqui informações já batidas e repetidas na minha na minha época de professor de cursinho pré-vestibular, mas esse destaque tem que ser feito, porque atesta a genialidade de Gonçalves Dias. Todos sabem que os românticos tinham um nacionalismo exacerbado e exaltavam em excesso a terra; eram ufanistas. E sabemos também que abusavam do adjetivo. Pois eis aí uma das inúmeras genialidades de Gonçalves Dias, que o fazem um poeta virtuoso e diferenciado:

A Canção do Exílio é, naturalmente, uma exaltação à terra natal. Mas em todo o poema não há um só adjetivo! Por fim, devo dizer que Gonçalves Dias morreu em 03 de novembro de 1864, no naufrágio do navio cargueiro “Ville de Boulogne”, no Baixo dos Atins, próximo ao Farol de Itacolomi, já avistando São Luís.

Eis aí um apanhado da vida, da obra e da perfeição poética desse grande poeta brasileiro, que foi, sem dúvida, fundamental para a nossa literatura.

Muito obrigado

#### Obras poéticas do autor

Primeiros cantos (1846)

Segundos Cantos e Sextilhas do Frei Antão (1848)

Últimos Cantos (1857)

Os Timbiras (1857)

#### Referências

DIAS, Gonçalves. **Poesia Completa e Prosa Escolhida**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959.

VERDE, Cesário. **Literatura Comentada**. São Paulo: Editora Abril. 1. ed., 1982.